

Processamento de Texto ou o discurso em processo

CARLOS REIS (*)

1. A minha experiência como utilizador de um processador de texto e *software* adequado, iniciou-se há cerca de quatro anos e consolidou-se a partir de então, até chegar a um estágio que se reconhece ainda com algum constrangimento: a *dependência* quase total relativamente a um instrumento que coloca problemas inteiramente novos em comparação com os termos em que se deu a aprendizagem da escrita. Constrangimento, porque dificilmente eu me privaria agora (ocorrendo uma avaria, por exemplo) de um equipamento que se tornou um auxiliar imprescindível do trabalho intelectual; constrangimento também, porque é difícil manifestar a terceiros, alheios à questão, essa *dependência*, uma vez que, mais do que carência (e já por isso lamentável), ela parece afirmação de snobismo intelectual, matizado de novo-riquismo tecnológico. Passa justamente por aqui o problema do recurso à informática em certas comunidades científicas.

2. É sabido que no âmbito das Ciências Humanas encontra-se usualmente uma resistência considerável à utilização de recursos informáticos, na investigação e no ensino, excepção feita, é justo que se diga, à Linguística. Entre outras possíveis, existem duas razões que explicam essa resistência, ainda efectiva (sobretudo em certas gerações), se bem que em vias de desvanecimento.

Em primeiro lugar, crêem os estudiosos situados na área em apreço, que o recurso à informática exige conhecimentos profundos de matérias tão rebarbativas como a Matemática, para só mencionar a mais assustadora; o que obviamente decorre de uma confusão primária entre o plano da elaboração de programas (*software*) e o da sua utilização. Dois exemplos: não se pede ao condutor de um automóvel que conheça minuciosamente a mecânica do veículo que conduz (seria interessante, mas não é absolutamente necessário, sendo até corrente que o condutor ostente uma arrogante ignorância na matéria); segundo exemplo: a utilização adequada de um simples telefone requer o cumprimento de regras de procedimento (elementares, mas regras, de qualquer modo), sem o que o instrumento não funciona.

Em segundo lugar, a resistência à informática tem que ver também com uma certa concepção do trabalho intelectual que (sem ofensa) pode designar-se como romântica. De acordo com esta concepção, a reflexão, a pesquisa, a inovação são eminentemente pessoais («humanas», por força de uma certa extrapolação), imprevisíveis e escassamente disciplinadas; como tal, essas actividades estão por natureza distanciadas de uma máquina tão complexa, metódica e rigorosa como um computador (mas poderão elas dispensar uma fotocopiadora, uma máquina de escrever ou um leitor de microfímes?).

(*) Instituto de Línguas e Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Quando o que está em causa é a escrita (normalmente encarada como fase terminal — se-lo-á? — de uma investigação) a questão complica-se pela interferência de novos estereótipos também de extracção romântica. Metáforas consagradas, *no plano da criação literária*, tais como a «luta» pela expressão, o «desfloramento» do branco da página, o rompimento do «silêncio» ou o «polimento» do estilo transferem-se então para uma escrita que é (deve ser) parte de um mais vasto labor científico e não uma prática artística. Para muitas pessoas, escrever parece ser um acto apenas possível sobre uma folha de papel, esquecendo o sujeito da escrita esta realidade insofismável (e quase lapaliciana): escreve-se assim porque os instrumentos de que se dispunha quando se aprendeu a escrever eram então os mais aperfeiçoados (da pena de pato à esferográfica avançou-se muito). Ora, uma vez que os instrumentos de escrita evoluíram, há que aprender de novo — e não parece muito hábil, para fugir a tal obrigação, invocar o conhecido provérbio que condena a chamada (por Garrett) «família asinina» a um obstinado analfabetismo.

3. Esta problemática tem que ver, de resto, com um interessantíssimo tema histórico-cultural: a interferência dos meios materiais de escrita na criação literária. Se Camões dispusesse de um lápis, talvez tivesse escrito, para nossa felicidade, mais textos do que aqueles que escreveu — ou, pelo menos, tê-los-ia escrito de forma mais cómoda e decerto com maiores possibilidades de emenda (porque talvez até usufruísse do luxo de uma borracha...). Num plano próximo: se no tempo de Eça a mão-de-obra tipográfica não fosse bastante mais barata (em termos relativos) do que é hoje, não lhe teria sido possível, porque o editor lho não consentiria, corrigir tanto e tantas vezes as suas provas tipográficas; Eça que, não o esqueçamos, já tinha lápis (grande avanço) mas ainda não tinha máquina fotográfica — e por isso teve que recolher em notas apressadas e caóticas as suas impressões do Chiado num manuscrito por isso mesmo de leitura difficilima, manuscrito de que depois se serviu como «roteiro de viagem» para o episódio final de *Os Maias*. E já no

nosso tempo: certos escritores produzem agora mais do que os editores podem publicar e de que o público consegue absorver, porque, escrevendo com processadores de texto, fazem-no com muito maior rapidez e limpeza (material, entenda-se) de processos. Que se saiba, isto não se passa ainda entre nós (mas passa-se, por exemplo, nos Estados Unidos), porque a maioria dos nossos escritores não se deu ainda ao trabalho de reflectir um pouco sobre o assunto.

Justamente a escrita através de processamento de texto constitui uma actividade relativamente nova, exigindo, como é evidente, procedimentos muito diversos dos até agora usuais e interferindo na construção do discurso, tanto a nível macrostrutural como a nível microstrutural. Isto, desde que se dê como superado um equívoco frequente entre utilizadores de processadores de texto: o que consiste em usá-lo *apenas* como uma sofisticada máquina de escrever. Fica-se assim a meio caminho entre a escrita convencional e o processamento de texto, entendido numa acepção exigente.

Para que tal não aconteça, pode cultivar-se uma atitude que, diga-se desde já, não é fácil de assumir por parte de estudiosos universitários, não raro pouco propensos ao jogo e ao humor, identificados com uma concepção sombria e «cenobítica» do trabalho científico. Trata-se de aceitar que a informática pode ser divertida e que o processamento de texto dá um certo gozo. Alargando os horizontes: o computador pode ser um excelente companheiro de trabalho, com quem é possível conversar e brincar, que nos interpela e com quem discutimos e por vezes nos zangamos — para depois nos reconciliarmos. Tudo isto sem nos arriscarmos a ser devorados ou consumidos por uma máquina que, no fim de contas, não tem nada de assustadora.

Esbatem-se, assim, as fronteiras entre o trabalho e a brincadeira e é possível entrar num jogo que dá prazer como qualquer outro, desde que se jogue naquele estado de «suspensão da descrença» cultivada também quando se lê ficção. Só que, neste caso, não se trata de ficção; ou, se se preferir, retém-se dela (da ficção literária) a componente estética que a caracteriza como labor artístico que é. Porque o

processamento de texto permite (e aconselha) uma relação estética, por assim dizer de deleite plástico, com o texto que vai sendo gerado e cujo aspecto, recortado sobre o escurinho do monitor, pode ser fascinante: desde o aparecimento quase mágico dos caracteres, que se me revelam em azul celeste, verde suave ou quente alaranjado, até aos múltiplos tratamentos gráficos que vários «menus» e comandos me permitem. E é a partir daqui que pode dizer-se instaurada uma nova atitude por parte do sujeito do discurso, com fundas incidências psicológicas e técnico-discursivas.

4. De um aforismo muitas vezes citado («Palavras leva-as o vento...») ignora-se quase sempre o segundo membro: «...mas a escrita permanece». Em latim, como convém: «Verba volant, scripta manent», diziam os antigos, talvez porque então a dificuldade e a precaridade técnica dos métodos de escrita obrigavam a ponderar seriamente o que se ia fixar — para sempre.

Não é assim com um processador de texto. Não que ele convide à irresponsabilidade ou facilite a escrita a quem para ela não possui aptidões. Que fique bem claro: serei sempre eu, sentado diante do teclado, o sujeito do discurso e não há (por agora — e felizmente, acrescento) equipamento que altere esta situação.

A verdade, porém, é que o processamento de texto me permite, à partida, um comportamento por assim dizer menos «patético» e mais desenvolto. Exemplifiquemos, a partir do texto que escrevo neste momento e recorrendo às possibilidades que me são facultadas pelo programa de processamento que estou a utilizar — sem tratar de saber se existe outro (existe, de certeza) mais aperfeiçoado e mais rápido.

Trata-se, antes de mais, do problema dos rascunhos, das emendas e das versões. Em vez de estar já atormentado por saber que terei que passar a limpo todo o borrão, vou redigindo uma prosa que é já borrão-e-cópia-a-limpo. Quer dizer: farei no meu texto todas as correcções que me apetecer, com a certeza de que ele só saltará da impressora quando eu o considerar acabado. Depois disso mudei de ideias? Não é grave, porque posso reescrever apenas a página «crítica» e tirar a sua nova

versão (e só ela) na impressora. Ao mesmo tempo sei que cada hesitação, cada engano, pode, desde logo, ser apagado, palavra a palavra, linha a linha, página a página, sem deixar riscos ou manchas: esta «borracha» que o programa me faculta é mesmo perfeita. Mas a hesitação torna-se agora mais delicada, porque não me ocorre um certo termo — e sei que ele existe; solução: vou em frente e numa próxima revisão, quando ele me ocorrer, trato de o enserir, deslocando a linha para a frente (infelizmente não tenho uma solução para o caso de o tal termo *nunca* me ocorrer...).

Vou assim construindo um texto que, tendo ainda o carácter provisório de um rascunho, vai aparecendo com o *aspecto* de um texto com boa apresentação, como se surgisse já acabado, porque posso reformatar a página, de cada vez que a altero. O meu texto não chegou, *de facto*, ainda a esse estado de acabamento, mas esta oportuna mistificação cria um efeito de segurança que estimula a escrita, em vez de a desmotivar, como tantas vezes acontece, quando se acumulam as emendas, as rasuras e as entrelinhas.

Além disso, «movo-me» no texto com extraordinária comodidade e rapidez. Primeiro que tudo, não estou atento (porque não tenho que estar) ao «virar da linha», nem ao «virar da página»: são movimentos que ocorrem automaticamente e que, também automaticamente, criam páginas uniformes quanto a número de linhas, número de espaços por linha, etc..

(Agora me lembro: convém gravar o que já está feito — coisa que, de resto, já devia ter acontecido. Assim, «salvo» o trabalho executado e previno-me contra, por exemplo, falta de corrente ou eliminação de texto por inadvertência; e isto porque o programa está preparado para conservar uma cópia de segurança, que pode ser recuperada a todo o momento. Cópia que é a versão anterior à presente, ou seja, aquela em que eu estava a trabalhar, imediatamente antes de a ter gravado.)

Preciso agora de ir ao início do texto, de avançar até ao final (se tiver voltado atrás), de passar para outra palavra, de voltar à página anterior, etc., etc.. Tudo isto é mais rápido do que demora a contar e torna-se ainda mais fácil com comandos de «rapidez». Já lá irei.

Antes, porém, passo a um conjunto de comandos de auxílio. É que, além de ser de muito fácil aprendizagem (com um bom manual, *que existe em português*, com alguma atenção e sem excessiva susceptibilidade às admoestações amigáveis que vão aparecendo no ecrã, aprende-se rapidamente; a prática faz o resto), além dessa facilidade, dizia, tenho ao meu dispor, rapidamente visíveis no ecrã, uma série de propostas de trabalho e de ensinamentos úteis: como fixar as margens da página, que extensão posso dar-lhe, quantos espaços entre linhas, como formatar, como alinhar o texto (pela direita), como translinear, etc., etc.. Em suma: tudo o que me permite ir preparando um texto devidamente maquiado e não um amontoado informe de emendas e entrelinhas.

O meu texto avança e exige-me agora outro tipo de recursos. Concluo que me interessa alterar a ordem dos parágrafos, inserir neste local o que escrevi há três (ou trinta, ou trezentas) páginas: marco num «bloco» (que me aparece com coloração invertida, em fundo branco e caracteres negros) o parágrafo a transportar, coloco o cursor no local para onde ele deve ir e «puxo-o» rapidamente; entretanto, o texto refeito-se graficamente, sem espaços brancos, nem cortes, nem riscos (nem tesoura, nem cola...). E se o aspecto ainda não é perfeito, volto a formatar, a alinhar pela direita e ele fica como novo.

Este comando permite coisas muito interessantes, além destas alterações de «sintaxe textual». Permite-me, por exemplo, pôr de reserva, no fundo do texto, citações ou simplesmente blocos de escrita que me interessa agora fixar para que não «fujam» (depois colocá-las-ei onde quiser); permite-me uma atitude despreocupada em relação à ordenação final, com a certeza de que é possível inserir marcas numéricas em diferentes partes do texto e depois ir à sua procura. Mas há mais: apago, de uma só vez, extensões consideráveis de texto, construindo um bloco e eliminando-o depois; transporto fragmentos do texto (ou todo o texto) para a memória do computador, num ficheiro autónomo, exterior ao que estou a escrever, e posso depois recorrer a esses fragmentos em separado; vou buscar textos já existentes (também exteriores a este) e introduzo-os onde desejo. Por exemplo: uma citação já utilizada

noutro texto, não tem que ser reescrita; ou uma bibliografia retirada do final de outro texto pode ser aqui introduzida e reajustada (aumentada, reduzida, actualizada).

Com este conjunto de possibilidades de trabalho, modifica-se todo o processo de génese do texto. De certo modo consagra-se também aqui a intertextualidade, porque qualquer texto vai sempre colher pedaços de outros já existentes, ampliando-os, modificando-os, etc... A escrita é, deste modo, verdadeiramente uma continuidade, mas uma continuidade em que a memória textual do sujeito conta pouco, contando muito mais a memória do computador, porque em qualquer momento pode trazer-se rapidamente ao ecrã o índice dos textos de que se dispõe — sem demorada consulta de «dossiers», gavetas ou blocos de notas.

5. A questão da rapidez é aqui fundamental, a começar pela própria materialidade da escrita: com alguma prática (e mesmo só com dois dedos) e com um teclado razoável, chega-se a escrever mais rapidamente do que num manuscrito; mas não é bem a esta rapidez que me refiro.

Um conjunto de comandos próprios permite-me (já o sabemos) uma movimentação extremamente veloz ao longo do texto. Mas há mais. Se eu o desejar, posso fazer «correr» o texto (para cima ou para baixo) a velocidades variáveis, detendo-o em qualquer momento; isto permite uma leitura seguida, com toda a comodidade. Além disso (e melhor do que isso), posso localizar rapidamente um fragmento de texto ou só uma palavra ou só uma parte de uma palavra: o comando de procura encontra no texto o que se desejar, onde isso estiver. Pense-se na facilidade com que assim se elabora um índice de autores (porque o comando localiza Zola ou Abelaira, lá onde estiverem e em todas as ocorrências) ou mesmo pesquisar, no texto, certos conceitos, desde que os termos que os designem se encontrem estabilizados.

Mas vou mais longe: se além de encontrar uma palavra eu quiser substituí-la por outra, possa também fazê-lo automaticamente. Suponhamos que agora me apercebo de que utilizei incorrectamente um determinado termo em todo o texto: com este comando, substituo-o

pelo termo adequado, mesmo que o meu texto tenha centenas de páginas. Mais: posso fazer uma substituição apenas na secção do texto anterior a esta (para «cima») ou em todo o texto ou só um determinado número de vezes, etc., etc.. Para inteira segurança, normalmente o programa pergunta-me se quero *mesmo* fazer a substituição e só a faz depois de ter a confirmação.

É fácil apreender as vantagens destes comandos, para além do que já ficou sugerido. O sujeito deste discurso foge à redundância, porque sabe que esta é um atributo do discurso literário: não se repete «Camões», diz-se «o autor de *Os Lusíadas*», não se utiliza «atributo» (como fiz há duas linhas atrás), usa-se «propriedade» ou algo equivalente. Com o comando de procura, o sujeito do discurso descobre os seus termos recorrentes e disfarça as suas obsessões.

6. À medida que o texto vai amadurecendo, vai-se pensando na sua impressão. É sabido que, de um ponto de vista funcional, a acção exercida por um texto sobre o seu receptor passa também pelo seu aspecto gráfico e pela evidência em que alguns dos seus componentes se colocam: da «marcação» gráfica à «marcação» semântica a distância é por vezes muito curta e os efeitos adivinham-se sem dificuldade. Dispondo de uma série considerável de recursos, o sujeito do discurso comportar-se-á de forma bastante mais activa, no que à componente gráfica diz respeito, mesmo que se trate apenas de transmitir instruções de composição à tipografia.

Deste modo, é possível introduzir uma dupla batida e conseguir um negro mais carregado, enquanto o sublinhado traduz um outro tipo de relevo, com consequências tipográficas já convencionadas (itálico). Mas as possibilidades de trabalho não terminam aqui: colocar vocábulos (ou passos do texto) em expoente ou sobrepor sinais gráficos onde isso é problemático (acentos sobre maiúsculas), abrir espaços ou eliminá-los por completo, compactar os caracteres, com rigorosa uniformidade de distâncias entre eles, ou parar a impressão em certos momentos previamente assinalados, são outros tantos movimentos empreendidos, neste caso, em função de uma impressora de

margaridas, quer dizer, mais lenta e ruidosa do que uma de agulhas (e muito mais do que uma «laser») mas de batida mais precisa.

Estas opções pressupõem, da parte do sujeito do discurso, uma certa predisposição para conceber o texto como entidade a ser *vista*. Por outras palavras: o texto terá sido pensado em função de uma certa estrutura grafemática, constituída por vários componentes fundamentais: extensão de página, número de caracteres por linha, colocação de títulos e subtítulos (que podem ser centrados com precisão), etc.. Um conjunto de comandos adequados faculta todos estes arranjos gráficos; realcem-se, de entre eles, os comandos de justificação e hifenação. Eles permitem ir construindo um texto «alinhado», do ponto de vista gráfico — e talvez também «alinhado» do ponto de vista do conteúdo; tudo se passa como se *forma* e *conteúdo* não fossem, afinal, elementos interdependentes, mas um (o segundo) consequência do outro (a primeira). Curiosamente, o programa que utilizo parece altamente competente no que à translineação diz respeito: numa elevada percentagem de casos, propõe-me de forma correcta a divisão das sílabas para translineação. O que quer dizer que o meu companheiro de trabalho não é de todo insensível às mais elementares regras de gramática.

7. Não se trata aqui, como é óbvio, de fazer o inventário exaustivo das possibilidades de trabalho de um programa de processamento de texto, nem de analisar sistematicamente as consequências psicolinguísticas que a sua utilização suscita. Consequências que são talvez mais complexas quando o sujeito do discurso aprendeu a escrever de uma forma (em texto manuscrito) e transitou para outra modalidade (processamento de texto).

O que fica escrito (depois de não poucas supressões, procuras de texto, substituição de expressões, mudanças de blocos, recuperação de fragmentos em memória, formatações, alinhamentos, etc.) deixa em aberto um vasto campo de reflexão, mesmo em áreas que aqui não foram exploradas. Um exemplo: é possível dispor de um léxico agregado ao programa de processamento de texto; esse léxico permite localizar vocábulos incorrectamente escritos e

propõe a sua correcção. Por agora não disponho desse espantoso instrumento, pelo que vou convivendo com a possibilidade do erro ortográfico ou do erro de composição: porque sei que o erro pode ser criativo e que a melhor Literatura está inçada de gralhas, aceito o risco e opto pela leitura e releitura «a olho nú» do que escrevi.

Noutro plano, o processamento de texto pode pôr em causa o conceito de autoria (e o de originalidade, que lhe anda associado), tal como o conhecemos desde o Romantismo e desde a consagração da propriedade intelectual, ambos praticamente coevos. Do que se trata agora é de aceitar que o meu texto pode ser gravado, passado a outro sujeito em disco e por ele continuado, alterado, etc.. Sem a peculiaridade

(e também sem a fixidez) da caligrafia, ele torna-se potencialmente um texto impessoal, lugar comum a explorar em linguagem de referência colectiva, que já não é só o idioma, mas que é também a linguagem do programa de processamento de texto. Não é talvez uma hipótese muito simpática, de um ponto de vista individualista, mas há que pensar nela — para a rejeitar ou para a explorar.

8. Este artigo foi escrito num processador de texto. É melhor ou pior do que se tivesse sido previamente manuscrito? Pergunta ociosa: a mesma reflexão, num texto manuscrito, sempre seria diferente da que aqui fica — porque o seu sujeito, afirmando-se pelo discurso, seria, de certo modo, outro sujeito.